

Best-seller do *The New York Times*

KATHERINE CENTER

OLA, ESTRANHOS



essência

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

KATHERINE CENTER

OLÁ, ESTRANHOS

Tradução
Marcia Blasques



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Katherine Center, 2023
Publicado em acordo com o St. Martin's Publishing Group.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Marcia Blasques, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Hello Stranger*

Preparação: Bonie Santos
Revisão: Elisa Martins e Camila Gonçalves
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Olga Grlic
Ilustração de capa: Katie Smith
Adaptação de capa: Isabella Teixeira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Center, Katherine
Olá, estranho / Katherine Center; tradução de Marcia Blasques. – São Paulo:
Planeta do Brasil, 2025.
352 p.

ISBN 978-85-422-2997-4
Título original: Hello stranger

1. Ficção norte-americana I. Título II. Blasques, Marcia

24-5334

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

≡ CAPÍTULO UM ≡

A PRIMEIRA PESSOA PARA QUEM LIGUEI DEPOIS QUE DESCOBRI QUE HAVIA SIDO SELECIONADA NO GRANDE concurso anual da North American Portrait Society – algo que poderia impulsionar minha carreira – foi meu pai.

O que é estranho. Porque eu nunca ligava para ele.

Pelo menos não por vontade própria.

Claro, eu ligava nos aniversários, no Dia dos Pais ou no Ano Novo – esperando dar a sorte de ele não atender para eu deixar uma mensagem bem animada, do tipo “Sinto muito por não conseguir falar com você”, receber o crédito e pronto.

Mas eu ligava apenas por obrigação. Nunca por diversão. Nunca, jamais, só para conversar. E nunca – Deus me livre – para *compartilhar coisas*.

Meu objetivo sempre foi *não* compartilhar coisas com meu pai. Como eu estava sem dinheiro. Como eu ainda fracassava – o tempo todo – na carreira que tinha escolhido. Como tinha desistido de mais um relacionamento e me mudado para o meu estúdio de arte nada-adequado-para-habitação-humana porque não podia pagar um lugar só meu.

Eram todas informações necessárias.

E ele, definitivamente, não precisava saber de nenhuma.

De certa forma, isso me deu alguma estrutura – criar falsas histórias de sucesso sobre mim mesma para ele e minha madrastra má, Lucinda. Eu estava sempre “indo muito bem”. Ou “incrivelmente ocupada”. Ou “prosperando *muito*”.

Não que eu ficasse inventando coisas. Eu apenas trabalhava dedicadamente para obscurecer a verdade.

A verdade era que, oito anos antes, eu desafiara todas as instruções do meu pai, desistindo da faculdade de medicina e mudando minha especialização para Artes.

— Artes? — dissera meu pai, como se nunca tivesse ouvido o termo antes. — Como exatamente você pretende ganhar a vida com isso?

Dei de ombros.

— Eu só vou... ser artista.

Uau, essas palavras não foram bem recebidas.

— Então você está me dizendo — questionou ele, com aquela veia pequena na testa começando a escurecer — que quer ser enterrada em uma cova de indigente?

Franzi o cenho.

— Eu não diria que *quero* isso.

É possível que meu pai quisesse que eu fosse médica porque ele era médico. E é possível que meu pai não quisesse que eu fosse artista porque minha mãe tinha sido artista. Mas nós não falávamos sobre isso.

Ele continuou:

— Você está jogando fora uma boa carreira, um bom futuro, para desperdiçar sua vida fazendo algo que não importa, e sem ganhar nada?

— Quando você coloca dessa forma, parece uma má ideia.

— É uma ideia terrível! — ele disse, como se fosse tudo o que havia para ser dito.

— Mas você está se esquecendo de duas coisas — ponderei.

Meu pai esperou que eu esclarecesse.

— Eu não gosto de medicina — falei, contando nos dedos. — E eu gosto de arte.

Limito-me a dizer que ele não achou nada disso relevante. Então ele insinuou que eu era mimada e tola e que nunca tinha conhecido o sofrimento de verdade.

Mesmo que nós dois soubéssemos que ele estava mentindo – pelo menos nesse último ponto.

De qualquer forma, não importava. Ele não tinha o direito de decidir o que eu faria com a minha vida.

Afinal, era eu quem teria que vivê-la.

Meu pai não era um grande fã de perder.

— Não me peça ajuda quando estiver falida — ele disse. — Você está por conta própria. Se escolher esse caminho para si mesma, então terá que percorrê-lo sozinha.

Dei de ombros.

— Eu não peço ajuda para você desde os meus catorze anos.

Com isso, meu pai se levantou, afastando a cadeira com um barulho que anunciava que havia terminado. Terminado com a conversa – e possivelmente com suas responsabilidades paternas também.

Ainda me lembro da determinação que senti ao vê-lo sair. Parece quase pitoresco agora. *Vou mostrar pra você*, me lembro de ter pensado, com um fogo presunçoso no olhar. *Vou fazer você desejar ter acreditado em mim desde o início*.

Spoiler: não mostrei nada para ele. Pelo menos, ainda não.

Isso foi há oito anos.

Consegui o diploma em Artes. Fui sozinha à minha cerimônia de formatura, aguentei todas as famílias tirando fotos orgulhosas, e depois saí triunfante do estacionamento da universidade no meu Toyota amassado que minha amiga Sue e eu tínhamos pintado de rosa-choque com chamas para o Desfile de Carros de Arte.

E então?

Embarquei em muitos anos infinitos de... *não mostrar para ele*.

Me inscrevi em concursos e não ganhei. Submeti meu trabalho a exposições e não fui aceita. Ganhava a vida vendendo retratos pintados a partir de fotos (tanto de humanos quanto de animais) no Etsy por cem dólares cada.

Mas não era o suficiente para pagar o aluguel.

E, sempre que conversava com o meu pai, eu fingia que estava “indo muito bem”.

Porque talvez ele estivesse certo naquele dia. Talvez eu estivesse a caminho de uma cova de indigente. Mas eu estaria *debaixo da terra*, *naquela cova*, antes de admitir isso.

Deve ter sido por isso que liguei para ele para contar sobre o concurso.

O concurso em si era importante – e tinha um grande prêmio em dinheiro, para quem conseguisse vencer.

— Uma festa! Uma festa! — Sue praticamente cantou no telefone.
— Você vem fracassando tragicamente na vida por anos e anos! Temos que comemorar!

Fracassando tragicamente na vida pareceu um pouco duro demais.

Mas *tudo bem*. Ela não estava errada.

— Quando? — perguntei, já temendo toda a limpeza que teria que fazer.

— Hoje à noite!

Já era quase perto do pôr do sol.

— Eu não posso organizar uma... — comecei a dizer, mas antes mesmo de completar “festa hoje à noite”, já estava decidido.

— Vamos fazer na cobertura do seu prédio. De todo modo, você precisava dar uma festa de inauguração da casa nova.

— Não é uma casa — corrigi. — É um cafofo.

— Então será uma festa de inauguração do cafofo — prosseguiu Sue, aceitando numa boa.

— Seus pais não vão ficar bravos? — perguntei. O sr. e a sra. Kim eram os proprietários do prédio, e tecnicamente eu nem devia estar morando lá.

— Não se for uma festa para *você*.

Sue, cujo nome coreano – Soo Hyun – fora ligeiramente americanizado por um oficial de imigração, também desapontara seus pais ao se tornar uma estudante de Artes na faculdade. E foi como nos aproximamos. Embora os pais dela fossem muito sensíveis para ficarem bravos por muito tempo. Com o passar dos anos, eles meio que me adotaram e gostavam de provocar Sue me chamando de filha favorita deles.

Tudo isso para dizer... que a festa *ia acontecer*.

Era a nossa dinâmica Oscar e Felix. Sue sempre procurava maneiras otimistas, enérgicas e alegres de fazermos coisas extrovertidas juntas. E eu sempre resistia. E depois cedia a contragosto.

— Você não pode organizar uma festa em duas horas — protestei.

— Desafio aceito — disse Sue. Em seguida, acrescentou: — Já mandei mensagem para o grupo.

Mas eu ainda continuei protestando, mesmo depois de ter perdido.

— Minha casa não é adequada para uma festa. Nem mesmo é adequada para mim.

Sue não ia discordar de mim sobre isso. Eu estava dormindo em uma cama dobrável que tinha encontrado na rua. Mas ela também não estava disposta a aceitar protestos.

— Vamos ficar todos do lado de fora. Está tudo bem. Você finalmente pode pendurar aqueles cordões de luz. Vamos convidar todo mundo que é legal. Tudo o que você precisa fazer é arranjar um pouco de vinho.

— Eu não tenho como comprar vinho.

Mas Sue não estava feliz com minha atitude.

— Quantas pessoas se inscreveram na primeira etapa? — Ela quis saber.

— Duas mil — respondi, já cedendo.

— Quantos finalistas são?

— Dez — respondi.

— Exatamente — disse Sue. — Você já aniquilou mil novecentos e noventa competidores. — Ela fez uma pausa para causar impacto, depois estalou os dedos e disse: — O que são mais nove?

— Qual a relevância disso? — perguntei.

— Você está prestes a ganhar dez mil dólares. Pode se dar ao luxo de comprar *uma* garrafa de vinho.

■ ■ ■

E assim Sue se dedicou a organizar uma festa de última hora.

Ela convidou todos os nossos amigos do curso de Artes – com exceção do meu ex-namorado, Ezra –, alguns dos colegas dela que eram professores de arte, e o namorado dela de longa data, Witt, que não era um artista: era um cara de negócios que fora o capitão do time de atletismo na faculdade. Os pais de Sue aprovaram o rapaz, mesmo ele não sendo coreano, porque era gentil com ela – e também porque ganhava bem e, como o pai dela colocou, Sue poderia ser “uma artista faminta sem precisar passar fome”.

Sue disse – com carinho – que Witt poderia ser o representante dos atletas na nossa festa.

A minha tarefa era colocar o vestido rosa vintage com flores aplicadas, que um dia tinha sido da minha mãe e que eu só usava em ocasiões muito, muito especiais... e então sair em busca do maior número de garrafas de vinho que eu conseguisse com uma nota de vinte dólares.

Eu morava na parte antiga e industrializada do centro da cidade, e a única mercearia a uma curta distância a pé existia desde os anos 1970 – uma mistura de loja de bebidas e loja de variedades. Tinha frutas frescas na frente, e uma música antiga de R&B tocava no sistema de som. Marie, a sempre presente proprietária, ficava perto do caixa. Ela sempre usava caftãs coloridos que realçavam sua pele marrom-clara e sempre chamava todo mundo de *querido*.

Assim que entrei, meu celular tocou. Era meu pai me ligando de volta.

Agora que o primeiro impulso tinha passado, eu estava na dúvida se deveria atender. Talvez eu estivesse apenas criando expectativas para nós dois.

Mas acabei atendendo.

— Sadie, o que foi? — disse meu pai, todo sério. — Estou embarcando para Singapura.

— Eu liguei para dar uma boa notícia — respondi, me esgueirando até a prateleira dos cereais e baixando a voz.

— Não consigo ouvir você — disse meu pai.

— Acabei de receber uma boa notícia — falei um pouco mais alto.

— E eu queria... — será que eu realmente estava fazendo aquilo? — compartilhar com você.

Mas meu pai parecia irritado.

— Estão dando anúncios simultâneos pelos alto-falantes e estou com um por cento de bateria. Pode esperar? Estarei de volta em dez dias.

— Claro que pode esperar — respondi, já decidindo que ele tinha perdido a chance. Talvez eu contasse quando tivesse aquele cheque de dez mil dólares no bolso. Se ele tivesse sorte.

Ou talvez não. Porque naquele momento a ligação caiu.

Ele não tinha exatamente desligado na minha cara. Ele simplesmente foi fazer outras coisas.

Nossa conversa terminara. Sem despedida. Como de costume.

Estava tudo bem. Eu tinha uma festa para ir. E vinho para comprar.

Ao entrar na seção de vinhos, Smokey Robinson começou a tocar no sistema de som com uma música que era uma das favoritas da minha mãe: “I Second That Emotion”.

Normalmente, eu nunca cantaria em voz alta em público – muito menos em *falsete*. Mas eu tinha muitas lembranças felizes de cantar com minha mãe, e sabia que era muito fácil para mim ficar remoendo a toxicidade do meu pai. E naquele momento, parecia que Smokey tinha aparecido na hora certa para me dar apoio emocional.

Olhei de relance para a proprietária da loja. Ela estava ao telefone com alguém, rindo. E, pelo que pude perceber, não havia mais ninguém por perto.

Então cedi e comecei a cantar – primeiro em voz baixa e, como Marie não percebeu, um pouco mais alto. Eu me movia seguindo o ritmo, com minhas sapatilhas e o vestido rosa de festa da minha mãe. Simplesmente cedi e me permiti me sentir melhor – fazendo um movimento de dança que minha mãe tinha me ensinado e adicionando um movimento de quadril ocasional.

Apenas uma pequena dancinha particular para elevar o ânimo.

Então algo me atingiu enquanto eu estava diante daquela prateleira, cantando uma música antiga favorita e usando o vestido da minha mãe, que tinha ficado guardado por tanto tempo: minha mãe – também uma retratista – tinha sido premiada nesse concurso.

Exatamente no mesmo concurso. No ano em que eu completei catorze anos.

Eu sabia daquilo quando me inscrevi. Mas, para ser honesta, me inscrevi em tantos concursos, e fui rejeitada de forma tão implacável, que não pensei muito no assunto.

Mas este era o concurso. O concurso para o qual ela estava pintando um retrato – um retrato meu, aliás – quando morreu. Ela nunca terminou a pintura e nunca chegou a participar da exposição.

O que teria acontecido com aquele retrato?, me perguntei de repente.

Se eu tivesse que apostar? Lucinda o jogou fora.

Em geral, não sou muito de chorar. E tenho certeza de que em parte foi toda a empolgação de ser selecionada no concurso, em parte foi o tom inesperadamente áspero da voz do meu pai naquele

momento, em parte foi o fato de eu estar usando uma roupa da minha mãe, que eu guardara por tanto tempo, e em parte foi perceber que esse concurso era o concurso dela... mas por mais feliz que me sentisse cantando aquela velha canção em uma mercearia vazia, eu também me sentia triste.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas e fui obrigada a enxugá-las várias vezes. É difícil imaginar que seria possível fazer todas essas coisas ao mesmo tempo, certo? Dançar, cantar e ficar com os olhos marejados? Mas estou aqui como prova: é possível.

Mas talvez aquela música realmente fosse um talismã para alegria, porque, assim que ela terminou, avistei um vinho com um rótulo cheio de bolinhas em promoção: seis dólares a garrafa.

Quando cheguei ao caixa com os braços cheios de vinho, estava sentindo que Sue tinha razão. Claro que deveríamos comemorar! Eu teria que colocar meu cachorro Amendoim – que era ainda mais introvertido que eu – no armário, com sua caminha, por algumas horas, mas ele me perdoaria. Provavelmente.

Peguei alguns biscoitos em forma de taco para cães como uma desculpa preventiva. Isso estouraria meu orçamento, mas Amendoim valia a pena.

No caixa, olhei para um pequeno buquê de margaridas brancas, pensando que seria bom ter uma para colocar atrás da orelha – algo que minha mãe costumava fazer quando eu era pequena. Acho que ela gostaria de me ver celebrar dessa forma. Com uma flor.

Mas então decidi que era muito caro.

Em vez disso, coloquei o vinho e os biscoitos de cachorro no balcão, sorrindo para a dona da loja, e fui pegar minha bolsa...

Só então percebi que não estava com ela.

Olhei para baixo e então levei a mão ao outro lado do corpo para ver se eu a colocara de forma errada. Depois, dei uma olhada no chão para ver se a deixara cair. Então deixei meu vinho e os biscoitos de cachorro no balcão, levantando o dedo como quem diz *um segundo*, e corri para verificar os corredores vazios.

Nada. Hum. Eu tinha deixado a bolsa em casa.

Nada muito surpreendente, dado o agito de hoje.

Marie já estava começando a passar o vinho pelo caixa quando voltei e, sem querer interromper a conversa dela, balancei as mãos, como se dissesse: *Esqueça*.

Ela me olhou como se perguntasse: *Você não quer isso?*

Eu dei de ombros em resposta, de uma forma que tentava transmitir: *Sinto muito! Esqueci minha bolsa*.

Ela deu um suspiro e encolheu os ombros, mas antes que pudesse começar a cancelar tudo, uma voz masculina vinda de trás de mim disse:

— Eu pago.

Eu me virei, surpresa, franzindo o cenho para ele, como se questionasse: *Como você entrou aqui?*

Mas o homem apenas assentiu para mim com a cabeça e se voltou novamente para a dona da loja.

— Eu posso pagar por isso.

Isso não é relevante... mas ele era bonitinho.

Era um cara branco genérico – sabe como é, aquele tipo que é praticamente um boneco Ken. Mas uma versão realmente, realmente atraente.

Por causa do meu trabalho como retratista, nunca consigo olhar para um rosto pela primeira vez sem avaliá-lo mentalmente em suas formas, estrutura e características mais cativantes – e, por isso mesmo, posso dizer que ele era bonito e também que era básico. Artisticamente, quero dizer.

Tudo nele era genérica e perfeitamente proporcional. Ele não tinha um queixo desproporcional, por exemplo, ou narinas cavernosas ou orelhas de Dumbo. Não tinha os lábios de Steven Tyler, dentes malucos ou monocelha. Não que qualquer uma dessas coisas seja *ruim*. Características distintas tornam um rosto único, e isso é bom. Mas também é verdade que os rostos mais genéricos são consistentemente classificados como os mais bonitos.

Tipo, quanto mais uma pessoa parece um composto de todo mundo, mais todos gostam dela.

Esse cara era a coisa mais próxima de um composto que eu via fazia um bom tempo. Cabelo curto e arrumado. Testa, ponte do nariz,

maxilar e queixo proporcionais. Maços do rosto perfeitamente posicionadas. Um nariz reto com narinas deslumbrantemente simétricas. E não dava para desenhar orelhas melhores. Impecáveis. Não muito planas, mas também não muito protuberantes. Com lóbulos perfeitos e rechonchudos.

Eu sou um pouco esnobe em relação a lóbulos de orelha. Lóbulos feios poderiam realmente ser um problema para mim.

Sem brincadeira: eu já elogiei pessoas pelo lóbulo da orelha. Em voz alta.

O que, aliás, nunca termina bem.

Há truques para fazer um rosto parecer atraente quando você está desenhando um retrato. Os humanos parecem achar certos elementos universalmente atraentes, e se você enfatiza esses elementos, a pessoa parece ainda melhor. Isso é uma coisa científica. Já foi estudada. A teoria é que certas características e proporções despertam em nós sentimentos de “ah, que fofinho”, o que gera comportamentos de cuidado, afeição e uma vontade de se aproximar. Em teoria, a evolução dessa reação se deu em resposta ao rosto dos bebês, para que nos sintamos compelidos a cuidar das nossas crianças, mas quando essas mesmas características e padrões aparecem em outros lugares, em outros rostos, nós também gostamos delas lá.

Podemos achar até pepinos-do-mar adoráveis se olharmos do ângulo certo. O mesmo acontece com um homem que está tentando pagar pelo nosso vinho e nossos biscoitos de cachorro.

Porque, além da beleza genérica, esse cara também tinha elementos em suas feições – invisíveis para o olho não treinado – que subliminarmente estabeleciam seu charme. Seus lábios eram suaves e cheios e de um rosa caloroso e amigável que significava juventude. Sua pele era brilhante de uma maneira que evocava boa saúde. E o verdadeiro toque final eram os olhos – um pouco maiores que a média (sempre um sucesso entre a multidão), com uma ligeira e melancólica curvinha nos cantos que lhe dava um irresistível olhar de cachorrinho.

Garanto que esse cara conquistava todas as mulheres que queria.

Mas isso era problema dele.

Eu tinha uma situação de carteira esquecida para resolver. E uma festa de última hora para organizar.

— Está tudo bem — falei, acenando para ele e rejeitando a oferta dele de pagar pelas minhas coisas.

— Não me importo — disse ele, tirando a carteira do bolso da calça.

— Não preciso da sua ajuda — afirmei, e saiu um pouco mais áspero do que eu pretendia.

Ele olhou para mim – sem bolsa – e depois para o balcão com as coisas que ainda não tinham sido pagas.

— Acho que talvez precise sim.

Mas eu não ia concordar com ele.

— Eu posso voltar em casa para pegar minha bolsa — falei. — Não é um problema.

— Mas você não precisa.

— Mas eu quero.

Que parte de *não preciso da sua ajuda* esse cara não entendeu?

— Agradeço o gesto, senhor — respondi então. — Mas está tudo bem.

— Por que está me chamando de *senhor*? A gente tem, tipo, a mesma idade.

— *Senhor* não é uma questão de idade.

— Claro que é. *Senhor* é para velhos. E mordomos.

— *Senhor* também é para desconhecidos.

— Mas nós não somos desconhecidos.

— Tenho que discordar de você, senhor.

— Mas estou resgatando você — disse ele, como se isso nos tornasse amigos.

Torci o nariz.

— Prefiro resgatar a mim mesma.

Para constar, eu reconhecia que ele estava tentando fazer algo bom. Também reconhecia que a maior parte da humanidade teria deixado ele pagar pelas compras, demonstrado gratidão e encerrado a questão aí. Esse é o tipo de momento que poderia acabar na internet, sendo compartilhado com legendas como *Viu só? As pessoas não são tão terríveis no final das contas!*

Mas eu não era como a maior parte da humanidade. Eu não gostava de ser ajudada. Isso é um crime?

Com certeza não sou a única pessoa neste planeta que prefere resolver as coisas por conta própria.

Eu não tinha nada contra *ele*. Ele era atraente. Bastante e visceralmente atraente.

Mas a oferta de ajuda – incluindo a insistência dele – não era.

Ficamos nos encarando por um segundo – em um impasse. E então, sem motivo, ele disse:

— Esse é um vestido incrível, a propósito.

— Obrigada — falei desconfiada, como se ele estivesse usando o elogio para baixar minha defesa. Então, realmente sem querer, eu disse: — Era da minha mãe.

— E você faz uma bela imitação de Smokey Robinson, a propósito.

Ah, Deus. Ele tinha me ouvido. Baixei os olhos, descontente.

— Obrigada.

— Estou falando sério — disse ele.

— Sou sarcástico.

— Não, foi ótimo. Foi... hipnotizante.

— Você estava me observando?

Mas ele balançou a cabeça.

— Eu só estava comprando cereal. Você é que estava fazendo um show de cabaré no corredor de um mercado.

— Achei que a loja estivesse vazia.

Ele deu de ombros.

— Não estava.

— Você devia ter me parado.

— Por que eu faria isso? — perguntou ele, parecendo genuinamente perplexo. Então, ao se lembrar da cena, algo como ternura iluminou sua expressão. Ele deu de ombros. — Você foi um deleite.

Eu não fazia ideia do que fazer com esse cara.

Ele estava sendo sarcástico ou falando sério? Ele era atraente ou comum? Estava sendo gentil ao ajudar ou era insistente demais? Estava

flertando comigo ou sendo irritante? Ele já tinha me conquistado, ou eu ainda tinha uma escolha?

Finalmente, voltei a dizer:

— Tudo bem. Apenas... não me ajude.

A expressão dele mudou para irônica.

— Estou começando a achar que você não quer que eu te ajude.

Mas eu fui direta.

— Isso mesmo.

Então, antes que eu perdesse mais terreno, me virei para a proprietária no balcão – ainda conversando animadamente com a amiga – e sussurrei:

— Volto em cinco minutos com a minha bolsa.

Então saí pela porta.

Caso encerrado.

■ ■ ■

Eu estava esperando na faixa de pedestres, aguardando o sinal abrir, quando me virei e vi o cara da mercearia saindo com uma sacola de papel que, estranhamente, parecia conter três garrafas de vinho bem barato e alguns petiscos para cachorro.

Eu o encarei até ele me ver.

Então ele me deu um grande sorriso, sem nenhum remorso, como quem diz: *Você me pegou no flagra.*

Tudo bem. Eu tinha minhas respostas: *Sim.*

Quando ele chegou ao meu lado para esperar na mesma faixa de pedestres, mantive meu olhar à frente, mas falei para ele, como se fôssemos espíões ou algo assim:

— Essa sacola está cheia do que eu acho que está?

Ele não virou na minha direção.

— Você acha que está cheia de bondade humana?

— Acho que está cheia de ajuda indesejada.

Ele olhou dentro da sacola.

— Ou talvez eu goste muito, mas muito mesmo, de vinho de seis dólares.

— E petiscos para cachorro — completei, olhando na direção dele.

Conseguí ver os cantos dos olhos dele se enrugando com esse comentário.

— Tudo bem — falei, aceitando minha derrota e estendendo os braços para a sacola.

Mas ele balançou a cabeça.

— Eu levo.

— Vai ser teimoso com isso também?

— Acho que a palavra que você está procurando é *cavalheiresco*.

— Será? — perguntei, inclinando a cabeça.

Então, como se a pergunta se respondesse sozinha, estendi os braços novamente para a sacola.

— Por que eu deveria dar isso para você? — ele perguntou.

— Porque você conseguiu o que queria da última vez — falei, indicando com a cabeça na direção da loja — e agora é a minha vez.

Ele ficou pensativo.

Então acrescentei:

— É justo.

Ele assentiu, e então, como se tivesse sido completamente razoável o tempo todo, se virou, se aproximou e colocou a sacola nos meus braços.

— Obrigada — falei, assim que me apoderei dela.

O sinal abriu, e a multidão ao nosso redor começou a se mover para atravessar a rua. Quando comecei a acompanhá-la, olhei para baixo para verificar o conteúdo da sacola e vi um buquê de margaridas brancas. Comecei a me virar, mas ele já não estava mais ao meu lado — e quando olhei para trás, ele ainda estava na calçada olhando para o telefone como se talvez tivesse parado para uma mensagem.

— Ei! — gritei do meio da rua. — Você esqueceu suas flores!

Mas ele ergueu os olhos e balançou a cabeça.

— São para você.

Não discuti. Afinal, era a vez dele.

Se eu soubesse o que aconteceria em seguida, talvez tivesse lidado com aquele momento de forma diferente. Talvez tivesse continuado discutindo só para podermos continuar conversando. Ou talvez tivesse perguntado o nome dele, para ter alguma forma de me lembrar dele

– para que ele não se tornasse, em minha memória depois disso, o Cara da Merceria que nunca mais vi.

Claro, se eu soubesse o que aconteceria em seguida, nunca teria atravessado a rua, em primeiro lugar.

Mas eu não sabia. Da mesma forma que nenhum de nós sabe. Da mesma forma que todos nós apenas seguimos pelo mundo no palpite e na esperança.

Em vez disso, apenas dei de ombros, como se dissesse *Tudo bem*, e depois virei e continuei a andar – notando que ele tinha sido o primeiro homem por quem me senti atraída em todos os meses desde o meu término, e meio que esperando que ele corresse para me alcançar em um ou dois minutos.

Mas isso não foi o que aconteceu em seguida.

Em seguida, eu congelei bem ali na faixa de pedestres, meus braços ainda segurando minha sacola com o vinho.

E não me lembro de mais nada depois disso.

